

Leonor Martins Coelho

Universidade da Madeira

Gérard Aké Loba: da visão utópica à visão distópica em contexto pós-colonial

L'utopie c'est l'oxygène de notre vie.

Jacques Godbout

L'utopie est proposition,
profondément sociale et politique.

Michel Wierviorka

Ao fundamentar o conceito de “utopia” em Thomas More, Raymond Trousson estabelecerá a diferença entre a sua aceção como género literário e a noção de “utopismos”. Se, na sua perspectiva, “utopia” remete para narrativas que respondam a certos requisitos estruturais, radicados numa viagem imaginária que permite ao “estrangeiro” descobrir um mundo desconhecido como mundo ideal, “utopismos”, por sua vez, designará o conjunto de propostas literárias ou outras, alternativas à realidade existente¹.

Embora o termo “utopia” seja frequentemente afastado das suas linhas tradicionais como uma espécie de “fourre-tout”, no dizer de Jean Servier², é possível nele encontrar a “vontade de reconstrução”, o testemunho de uma “consciência sociológica”, nascida de um sentimento trágico da História e do desejo de modificar o seu curso.

O universo ficcional de Gérard Aké Loba, subvertendo a forma matricial da utopia, estruturada pela viagem e pelo mito, mantém, tal como o texto de Thomas More, as marcas de um tempo orientado para

¹ Raymond Trousson, *D'utopie et d'utopistes* (Paris: L'Harmattan, 1998).

² Jean Servier, “Introduction”, in *Histoire de l'utopie* (Paris: Gallimard, 1991), p. II.

a realidade do seu autor. Na verdade, de acordo com Lourdes Câncio Martins, a utopia, “como modelo semântico, assim como formal, [...] jamais poderá evitar as marcas do tempo: por um lado, as da realidade contemporânea, onde inicie a sua visão crítica, por outro, as do discurso literário que define a sua construção textual”³.

A partir da leitura da obra de Gérard Aké Loba, considerar-se-á, pois, o termo “utopia” na sua aceção de intencionalidade crítica e reformista, atenta e denunciadora, como modo de incentivar os costa-marfinenses a redefinir as vertentes educacionais, sociais, políticas e éticas de uma ordem axiológica que permita encontrar uma identidade renovada do país e do próprio homem. Como sublinha Edgar Morin, “[les bonnes utopies] sont motrices d’action, elles éveillent les consciences et ouvrent des perspectives nouvelles”⁴. De igual modo, ao remeter para a possibilidade de mudança total ou parcial da sua sociedade, o universo ficcional de Aké Loba apresentar-se-á como “correção utópica”⁵ da realidade do seu tempo.

O mundo que Aké Loba inventa funda-se, efectivamente, numa História outra, através da qual procurará responder às expectativas do Africano. Também aqui a utopia será possível, se tiver por objectivo promover a crítica e a consciencialização, de modo a reconhecer uma sociedade cada vez mais centrada no sujeito, na ciência e na mutação social. Assim, o escritor virá (re)pensar a África, e em particular o homem marfinense, dos anos 40 aos anos 90. Se, nos seus dois primeiros romances – *kocoumbo, l’Étudiant Noir* (1960) e *Les fils de Kouretcha* (1970) –, Aké Loba sustentava uma visão optimista relativamente ao devir do homem e da sua sociedade, no seu último romance, significativamente intitulado *Le Sas des Parvenus* (1990)⁶, a visão desse mundo será, não só irónica, como também desencantada, parecendo,

³ Maria de Lourdes Câncio Martins, “Reconfigurações da Utopia na Ficção Pós-Moderna”, in www.letras.up.pt/upi/utopiasportuguesas/e-topia/revista.htm.

⁴ Edgar Morin, “Est-t-il utopique de rechercher des connaissances”, in *Revue des deux mondes*, abril, p. 52.

⁵ O conceito “correção utópica” é utilizado por Umberto Eco em *La guerre du faux* (Paris: Grasset et Fasquelle, 1985), p.74.

⁶ O desencanto é já notório no seu terceiro romance significativamente intitulado *Les Dépossédés* (1973).

desse modo, anular o sonho de um país consolidado na modernidade. Com efeito, os primeiros textos ilustram uma concepção social, económica e cultural que poderia colocar o seu país na rota das nações desenvolvidas, defensoras da técnica, do progresso e da ciência⁷.

Contudo, em *Le Sas des Parvenus* ser-nos-á dado a conhecer um espaço disfórico, em que o autor entretece com a sua época uma crítica à desregulamentação desta sociedade, agora motivada pela febre do progresso económico.

Aké Loba, à semelhança de Thomas More na sua *Utopia*, não descarta o tom didático, que perpassa na sua escrita, procurando, desta forma, corrigir situações de excesso, melhorar a vida em sociedade e contribuir para a realização do indivíduo. Ao sustentar que a ciência possibilita não só o desenvolvimento técnico e humano, mas também a construção de novas sociedades, firmadas numa formação sólida e contínua, este autor virá distanciar-se do utopista, tido muitas vezes, como “un simple rêveur”, para se apresentar, sobretudo, como “un intrépide et précieux précurseur de réformes”⁸, políticas, sociais e culturais. Corroborá, por conseguinte, a ideia de que o discurso utópico é uma proposta responsável, assim sendo, o seu pensamento será uma “conscience en alerte”⁹, capaz de perscrutar as vicissitudes do momento passado e presente.

Consciente de que a sociedade a que pertence tem de sofrer profundas mudanças para oferecer mais qualidade de vida, o autor não se limitará a (re)presentar um mundo estático, mas sugere antes um outro, submetido a novas regras. Neste sentido, a sua proposta alongar-se-á ao político, ao social, ao económico, ao técnico ao ecológico e ao cultural. Poder-se-á, então dizer que ela se torna tão abrangente “qu’elle concerne tous les domaines de la pensée et de l’activité humaines”¹⁰.

⁷ *Kocoumbo, l’Étudiant Noir* (Paris: Flammarion, 1960); *Les Dépossédés* (Bruxelles: Nivelles, 1970); *Les Fils de kouretcha* (Bruxelles: Nivelles, 1973) e *Le Sas des Parvenus*, 1990.

⁸ *Araben*, Revue du GREPH, Groupe de Recherche en Épistémologie Politique et Historique / Institut des Études Politiques, “Science et Utopie”, n° 1, “Introduction”, p. 7.

⁹ *Araben*, op. cit, p. 8.

¹⁰ Christian Godin, *Faut-il réhabiliter l’utopie?* (Paris: Pleins Feux, 2000), p. 10.

Elencar as vicissitudes do tempo para poder corrigi-las constitui-se o lema deste escritor costa marfinense. De certo modo, ele torna-se um “fazedor” de um país à procura de um rumo que o desenvolvimento cultural e económico lhe promete. Parece, pois, defender as práticas do liberalismo económico proposto por Félix Houphouët-Boigny, assente na técnica e no investimento estrangeiro, a fim de fazer aceder o país à era do progresso e da modernidade.

Ao rever-se, quer nas opções políticas, quer nas opções sociais e culturais propostas inicialmente por Félix Houphouët-Boigny, Aké Loba virá então debruçar-se sobre os três vectores que constituem os eixos basilares de uma sociedade moderna, preocupada com a saúde, a educação e o progresso, de modo a contribuir para uma nova (re)configuração da África, em geral, e da Costa do Marfim, em particular.

No romance *Kocoumbo, l'Étudiant Noir* (1960), a viagem iniciática¹¹ de um grupo de estudantes (Kocoumbo, Durandeu Mou, Nadan e Douk) problematiza a questão da aprendizagem dos futuros dirigentes do país. Deverão estar conscientes das suas obrigações, prontos a intervir e, deste modo, a participar na formação de uma nova sociedade, livre, próspera e moderna, lembrando a proposta de Ernst Bloch, para quem “la puissance par la connaissance (...) est tout au service de l’homme, pour lui procurer ce qu’il y a de mieux”¹². A aposta no ensino, na advocacia, na agronomia e na medicina deverá contribuir para formar homens capazes de repensar e de conduzir uma jovem Nação.

No primeiro romance de Aké Loba, o estudante Abdou, comunista convicto, mostrar-se-á preocupado com a falta de condições de higiene que vitimam as mulheres e crianças deste continente. Neste sentido, opta pela medicina como formação de base, e pela ginecologia, em particular, como formação específica, para pôr cobro à situação de insalubridade, vivida nos países subdesenvolvidos. Por sua vez, ao obter uma dupla licenciatura em “Lettres orientales” e em direito, Kocoumbo

¹¹ Representativa dos grupos estudantis que se formavam na metrópole no pós segunda guerra mundial.

¹² Ernst Bloch, in *Le Principe Espérance, Les épures d’un monde meilleur*, t. II, trad. de Françoise Wuilmar (Paris: Gallimard, 1982), pp. 254-255.

virá não só reforçar a importância que a ciência adquire na proposta de Aké Loba, como criticar com maior veemência o rumo do grupo estudantil, que optou pela inércia e pela transgressão social. Com efeito, ao conciliar o trabalho com a aprendizagem, o protagonista anula o mito do negro preguiçoso e desprovido de inteligência. Deste modo, projecta um outro Eu, apresentando-se, agora, como a imagem conscienciosa das propostas do autor. No final da narrativa, ao regressar a África, o protagonista poderá tentar compreender, diagnosticar e solucionar as lacunas de que a sociedade enferma, ajudando, assim, a construir um mundo melhor, um mundo alicerçado nas novas oportunidades que se apresentam ao Africano.

Se, como sublinham Jean Michel e Pierre-François Moreau¹³, a utopia “marque l’inscription du pensable dans le possible”, as propostas de Aké Loba não vão no sentido de projectar uma sociedade ideal ou meramente fictícia, mas uma sociedade possível, concreta e realizável. Ao questionar-se sobre o papel da ciência e da técnica na organização política, económica e social, Raymond Trousson defende que “la science peut servir le progrès social”¹⁴. De igual modo, a narrativa de Aké Loba virá sublinhar a importância do saber, da ciência e do desenvolvimento económico e social de uma Nação em devir. Lembremos, aqui, o apreço de Kocoumbo pela civilização francesa, sugerindo, deste modo, que o seu país siga os trilhos da civilização moderna e ocidental:

La France m’a émerveillé par le travail qu’elle a fourni, un travail dont je n’avais pas la moindre idée quand j’étais chez moi. Lorsque j’ai compris que toutes ces réalisations qui font partie de votre vie quotidienne sont le fruit du savoir de l’homme et de ses pénibles recherches, surtout lorsque je me suis rendu compte que ce savoir a été atteint par de longs efforts, j’ai vu avec précision les vides et la faiblesse de l’Afrique. Quand je calcule que sur cent personnes, il y a cent ignares calfeutrés dans leur brousse et leurs cases, qui rampent dans l’ignorance comme l’escargot sous la feuille morte, quand cette image se projette devant moi, je me répète qu’il faut un remède, ou moins un commencement. (*KEN*, 154)

¹³ *Araben, op. cit.*, p.6.

¹⁴ Raymond Trousson, “Sciences et techniques en Utopie: du rêve au cauchemar”, in *D’utopie et d’Utopistes* (Paris: L’Harmattan, 1998), pp. 53-57.

Compreender-se-á, pois, o desejo de Kocoumbo de encontrar uma figura carismática¹⁵ que encaminhe o seu povo para a “civilização”. Esta visão do salvador encontra o seu sentido reforçado quando transporta para o final do século XX. Como sublinha Victor Goldschmidt, “la croyance au progrès subsiste dans l’action et dans la parole du monde politique”¹⁶. Aké Loba parece, assim, reconhecer em Houphouët-Boigny o salvador¹⁷ do seu (futuro) país:

De tous temps, obscurément ou au grand jour, dans chaque pays sous-développé, les hommes ont attendu un surhomme capable d’effacer leurs misères et de leur faire connaître leur propre force. Ce mythe du Sauveur éblouissait sa pensée; il n’était pas loin de croire alors à l’existence non encore dévoilée d’un génie puissant de sa race. (KEN, 142)

Nos romances de Aké Loba parece predominar a ideia de que a Costa do Marfim não deve ser comandada por uma cultura vinculada no passado de parasitismo familiar, de obscurantismo do pensamento e de recurso a artes mágicas, devendo antes alicerçar-se no diálogo com a cultura europeia, cartesiana, detentora da técnica e do saber¹⁸.

¹⁵ Recordemos que, na cena política, tinha surgido um “salvador” dos colonizados oprimidos. Com efeito, Houphouët-Boigny evidencia-se primeiramente aquando da criação do Sindicato Agrícola e, seguidamente, no processo de formação do Partido Democrático da Costa do Marfim, surgindo, deste modo, como líder incontestável de um povo que aspira à liberdade e de uma elite que vislumbra o desenvolvimento.

¹⁶ Victor Goldschmidt, *Platonisme et pensée contemporaine* (Paris: Vrin, 1990), p. 170.

¹⁷ O cognome “O Salvador” foi atribuído a Houphouët-Boigny quando entrou para a direcção do Sindicato Agrícola, perfilando-se como o Homem que viria reclamar a independência do país.

¹⁸ Tão distante da ilha de More, em que a sociedade cn’a droit seulement qu’au nécessaire” (Trousson, *D’Utopie et d’Utopisme, op. cit.*, p. 59) como da *New Atlantis* (1627), de Francis Bacon, em que se defende a importância do conforto e até do supérfluo, Aké Loba aproxima-se-á antes de um Etienne Cabet, com o seu *Voyage en Icarie* (1840), na medida em que o progresso técnico e o progresso social são poderosos vectores do desenvolvimento económico e de um melhor nível de vida generalizado. Não será, por isso, de admirar que o escritor marfinense porfie a defesa da ciência como instrumento de dominação sobre a matéria, de modo a facultar um outro bem-estar à tribo de Kouretcha.

Na verdade, a ciência e a técnica, como faz notar Raymond Trousson¹⁹, podem transformar-se “à la fois en auxiliaires de l’homme dans sa conquête du bonheur et en facteurs de progrès”. Problemática, aliás, ilustrada no terceiro romance, já que a acção de *Les Fils de Kouretcha* gira em torno da construção de uma barragem, de modo a sugerir, no final do romance, uma dupla vitória: racionalidade sobre a superstição e da máquina sobre a natureza.

Recorrendo a dois geólogos franceses, Franblanc e Demblin, e à habilidade diplomática do governador da região, Tougon²⁰, as autoridades marfinenses decidem avançar com a construção da barragem no rio Kouretcha que, por duas vezes, o regime colonial tinha tentado concretizar. Nesse tempo, a oposição violenta da tribo Kouretcha, que entendia este projecto como uma profanação do rio sagrado, não permitiu que os colonizadores fossem bem sucedidos. Já em plena era da independência o governo, pressionado pelos investidores estrangeiros, quer ver a obra realizada, mesmo que tal desígnio implique a anulação de todo um passado inscrito na selva luxuriante:

Tougon s’éloigne de ses compagnons. Un besoin de solitude, dicté par le nombre et l’urgence de ses préoccupations, l’attire vers la forêt. Il foule l’herbe rasée, déjà repoussée, du chantier et avant d’atteindre les premiers arbres, il s’arrête; une odeur d’encens l’empêche d’aller plus loin. Il lève les yeux à la recherche de ce parfum qui a fait surgir en lui, du plus profond de son âme, des souvenirs dont la cavalcade éblouissante lui communique leurs effluves aphrodisiaques. (...). La Forêt était devenue pour lui par la suite un monument, un document que l’homme primitif avait su conserver pour comprendre jusqu’à nos jours encore la structure de la terre dans ses temps reculés. (...). Une angoisse poigne Tougon. Cette forêt s’en va, elle s’en ira un jour prochain, quand son fils ou son petit-fils ne pourra plus s’en faire qu’une pâle idée; cet enfant ne saura peut-être rien même de sa grandeur, de son sourire sauvage, de ce qu’elle contient de pathétique, de merveilleux et d’insalubre. (*LFK*, pp. 62-63)

¹⁹ Raymond Trousson, *op. cit.*, p. 53.

²⁰ Transcrevemos a seguinte passagem do romance: “Tougon n’a pas attaché d’importance particulière à l’exposé, le paysage de la jungle barbare qui l’avait si souvent hanté en face des proportions réduites et disciplinées de l’Europe moderne

Apesar da desflorestação da densa selva marfinense que virá marcar a nova paisagem, Tougon optará, no entanto, por conseguir a via da modernização, revogando a preocupação do ecologista “avant la lettre” que deixou transparecer por breves instantes no seu monólogo interior para seguir o preceito: “L’utopie se veut articulation ordonnée du monde physique et du monde social, au bénéfice du second”²¹. Numa clara alusão ao que terá sido a construção da barragem de Kossou²², fazendo de Tougon o seu porta-voz, Aké Loba virá frisar a necessidade de enveredar pelo caminho da ciência, do avanço técnico e do desenvolvimento económico, aproximando-se, deste modo, da política seguida por Houphouët-Boigny.

Certo de que esta infra-estrutura vem beneficiar toda a população, Aké Loba em *Les Fils de Kouretcha* sublinhará as vantagens que a construção da barragem comporta através do moderador Tougon. Como um utopista, construtor e reformista, o autor deixa entrever a ideia de que a técnica, a máquina e a industrialização são os instrumentos indispensáveis para tornar uma sociedade melhor: “Il faut défricher la forêt; c’est le début de notre civilisation”(LFK,83)²³.

Lembremos que, nos primeiros anos da época pós-independência, ao dirigir um governo neo-liberal e capitalista, o primeiro presidente da Costa do Marfim terá criado as condições para o país ser comparado a um “eldorado africano”: produtivo, moderno e próspero. Todavia, o balanço dos trinta anos passados sob a sua liderança, tal como é sugerido no último romance akelobiano, indicia uma sociedade à deriva no mar imprevisível do capitalismo selvagem, onde, a par de problemas antigos não solucionados, se apresentam novos problemas por falta de regras claras, bem como de vontade política e de meios para as fazer respeitar.

ne retient pas non plus maintenant son attention. Il pense aux recommandations de ses supérieurs: Vous êtes un homme formé, donc tout indiqué pour faire construire le barrage sans faire verser une goutte de sang. Nous ne voulons absolument pas qu’on parle ailleurs de rébellion ou de récolte ou de révolution. Il faut montrer que notre jeune république peut se gouverner elle même; le barrage n’a pas besoin de sang”. (LFK, pp. 53-54).

²¹ *Araben, op. cit.*, p. 8.

²² Um mega-projecto que movimentou populações na região de Yamoussoukro, mas também separou o Norte marfinense (muçulmano) do Sul (católico).

Com efeito, em *Le Sas des Parvenus*, Aké Loba virá projectar um país que não anulou as crenças no obscurantismo e no irracional. Lembremos, ainda, que as políticas na educação parecem ter sido insuficientes como o recordará Bango, professor e amigo do protagonista. Se a maldição da tia de Gabriel Goban se apresenta como a herança de uma época remota que perdura, Valentine, Nabuchodonosor e Zonzon-bi-Zonzon são a prova de que essas práticas continuam bem arreigadas na mentalidade das novas elites marfinenses, como se poderá defender do argumento usado por Valentine Gouja na sua conversa com Gabriel Goban:

La science expérimentale ne contient pas toutes les réalités du monde, à la fin! Il y a en Afrique une connaissance empirique que tous les hommes ne peuvent appréhender! Tu crois en Dieu, ce n'est pas du tout une originalité! (*LSP*, 148)

A partir de um olhar “localmente situado”, o autor traduzirá a conjuntura que se instalou sob a governação de primeiro presidente da Costa do Marfim, desconstruindo o paradigma nacionalista no qual assenta a ilusão da utopia que os três primeiros romances anunciam como possível. A última narrativa critica a excessiva personalização do poder político (através da megalomania de Nabuchodonosor), do clientelismo que favorece a elite de Abijão (representado pelo modo de agir do trio: Nabuchodonosor, Metchan Gouja e Valentine), a corrupção, denominador comum de quase toda a classe dirigente e os flagelos de certos atavismos, como o dependentismo e a superstição, ilustrados, sobretudo, pelos familiares de Gabriel Goban e de Valentine Gouja.

Com efeito, as relações que *Le Sas des Parvenus* mantém com a realidade social, histórica e cultural de um país recentemente descoloniado vêm manifestar uma visão desiludida do mundo costa-marfinense. Esse romance apresentará, deste modo, uma nova configuração da sociedade, interrogá-la-á de modo a expressar, com mais veemência, o desengano e o desencanto. A crítica aos dirigentes, pouco empenhados na política educacional e social será uma constante ao longo dessa narrativa.

Nesta última narrativa, Aké Loba dar-nos-á a conhecer uma sociedade corrupta, supersticiosa e desregulada através de um grupo de novos-ricos ambiciosos que pratica o tráfico de influências, o desvio de fundos, a intimidação e o assassinato. O romance *Le Sas des Parvenus* parece, de facto, fazer eco da asserção de Raymond Trousson, ao sublinhar que: “les vieilles espérances en une science et une technique libératrices ont fait place progressivement au cauchemar”²⁴.

Se as distopias pintam as consequências nefastas do abuso da ciência, da técnica e do progresso, o autor apresenta-se, finalmente, como um crítico da “época Boigny”²⁵. Em vez de exaltar o progresso e o capitalismo, sem nunca deixar de reforçar a importância da ciência e do ensino, porque acredita, como o defendeu Raymond Trousson que “la science instruit, elle éclaire, elle dissipe les brumes de la superstition”, Aké Loba virá propor que a sociedade se apoie na fraternidade e no humanismo, ilustrando, ainda, o desejo de Christian Godin²⁶, para quem importa “réhabiliter l’utopie, ne serait-ce que pour ouvrir l’horizon que l’idéologie néo-libérale, maîtresse du futur comme elle l’est du présent, a bouché”.

Se ao longo do século XIX e XX a utopia sempre se pronunciou sobre as esperanças e as angústias de um mundo em mutação, o escritor marfinense inscreve-se nesta tradição, apontando um equilíbrio difícil de atingir. Embora o último romance apresente uma tonalidade disfórica, remetendo não só para o desengano do mundo, mas também para o funcionamento às avessas de uma sociedade recém-criada, será, todavia, através da desilusão e da crítica que se poderá corrigir o insucesso de uma primeira tentativa. Como virá também recordar Claude Magris, a

²³ Esta mensagem será reforçada por outra personagem, Ayban, ao sugerir que a construção da barragem deverá ser concluída para que se recorde a luta do Homem contra a natureza, de modo a dominá-la: “l’homme couché, l’homme accroupi, l’homme debout, l’homme casqué” (*LFK*, 143) poderá, desse modo, entrar na era da civilização moderna.

²⁴ Raymond Trousson, *op. cit.*, p. 79.

²⁵ Nesta perspectiva, a postura de Aké Loba na sua última narrativa seguirá a proposta de Karl Mannheim em *Ideologia e Utopia*, datada de 1929, ao defender que a utopia representa o pensamento de todos os que contestam a ideologia em vigor.

²⁶ Christian Godin, *op. cit.*, p.73.

utopia e o desencanto, em vez de se oporem, devem agir mutuamente, gerando, assim, novas possibilidades, uma vez que a História é, por definição, inacabada, sempre a refazer. Aproxima-se, deste modo, do ensinamento de Arrigo Colombo que, em *Utopia e Distopia* (1987), entende, de igual modo, a “utopia” como projecto histórico a realizar-se.

Assim como a utopia “ne se situe pas dans un règne des fins nourri des déceptions du monde”, mas, ao contrário, “elle ouvre le champ prometteur des buts”²⁷, assim o universo ficcional de Aké Loba manterá, ainda que num registo ténue, a esperança de um mundo melhor. Lembremos que, ao insistir sobre os meios de que dispõem os homens para transformar as suas condições de vida, as utopias injectam na esperança o seu sentido activo e dinâmico, gerador de novos mundos.

O universo ficcional de Aké Loba tratará de “construir” uma nova visão do mundo a partir da rejeição de elementos e acções disfóricas que, na sociedade do seu tempo, apreende como agentes de desordem social e de desarmonia entre o Eu e o Outro. A sua escrita propõe uma orquestração diferente do “seu” mundo, projectando uma nova era, ou pelo menos, uma iminente História-em-vias-de-se-fazer, indo ao encontro da proposta de Éric Aunoble para quem “les utopies sont malgré tout un moteur de l’histoire”²⁸.

Dinâmico e progressista, ao questionar o presente da Costa do Marfim, Gérard Aké Loba vem, de facto, por via da crítica, anunciar uma alteração possível. A utopia, como o utopismo, parecem reconciliar-se, já que ambos remetem para “la volonté de construire, en face de la réalité existante, un monde autre et une autre histoire alternative”, como frisa Raymond Trousson²⁹. À coordenada do princípio “esperança”, de Ernst Bloch, acrescentar-se-á, pois, a do princípio “responsabilidade”, de Hans Jonas, ambas antro-po-éticas, impondo uma dimensão moral à utopia, exigindo a presença do homem no mundo, respeitando os direitos das gerações vindouras, na preocupação do “seu” tempo presente, indo,

²⁷ Araben, *op. cit.*, p. 7.

²⁸ Éric Aunoble, “Les utopies, moteurs d’Histoire”, in *Revue des deux mondes*, avril 2000, p. 10.

²⁹ *Op. cit.*, p. 22.

uma vez mais, ao encontro da proposta de Claude Magris³⁰: “l’utopie(...) c’est savoir que le monde, comme dit un vers de Brecht, a besoin d’être changé et sauvé”.

³⁰ Claude Magris, *Utopie et Désenchantement*, trad. Jean et Marie-Noëlle Pastureau (Paris: Gallimard, 1999), p. 15.